



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Acerca das Escavações de Sabroso (Estudo)

Francisco Martins Sarmiento

A Renascença, Porto, 1879, pág. 118

A exploração de Sabroso foi feita no intuito de comparar os achados desta estação com os da Citânia.

A Citânia apresentava sinais duma influência romana. Mas havia por lá alguma coisa que não era romano, e devesse atribuir-se a uma civilização indígena?

Creio não ofender ninguém, dizendo que na completa ignorância em que estão os nossos arqueólogos, e... os outros<sup>1</sup>, no tocante à civilização pré-romana na Península Ibérica, e especialmente neste cabo do mundo, ainda que os produtos da indústria e da arte se oferecessem sem véu, nem sendal, ninguém -os reconheceria. Vislumbrava na Citânia alguma coisa, que parecia não ser romano; mal também não havia disso inteira certeza, atendendo, penso eu, a que o inventário das antiguidades romanas ainda não foi dado por concluso; e provavelmente esta circunstância, e a evidência incontestável da romanização impressa em certos monumentos, tornava tudo o mais suspeito da mesma procedência, quer originária, quer toscamente imitada.

Sabroso apresenta-se sem esta suspeição. Faltam aqui as telhas, as ânforas, a louça aretina (sâmia, segundo outros), a louça marcada, as inscrições — tudo isso que na Citânia era lançado à conta

---

<sup>1</sup> Pelo que, em carta, me dizia o M. de S., um distinto sábio espanhol via na ornamentação das pedras da Citânia um estilo suevo-bizantino.

da incómoda influência romana.

A proximidade das duas estações (um quilómetro, pouco mais), a identidade de ambas quanto ao seu carácter fundamental, tornam o contraste mais frisante e não é fácil achar explicação ao facto, por exemplo, de abundarem numa os artefactos que faltam absolutamente noutra. Porque, apressemo-nos a di-lo (ou a repeti-lo, visto que algumas destas notícias já foram publicadas, e nestas matérias não é permitido improvisar), iria errado quem, comparando a pequenez de Sabroso com a amplitude da sua vizinha, sugerisse que Sabroso seria um pobre grupo de choupanas, cujos moradores não teriam posses para comprar objectos de importação estrangeira, objectos de mero luxo.

Em Sabroso havia tanto ou mais luxo, que na Citânia. Pelas antigualhas, recolhidas na escavação, vê-se que estavam lá em uso os braceletes, anéis, fíbulas, alfinetes, broches, etc<sup>4</sup> e quem tem posses para isto não podia deixar de as ter para comprar uma ânfora, ou um par de telhas.

Algumas casas do pobre Sabroso tinham portadas esculpturadas, e, se lá faltava a famosa louça que, no dizer de Horácio, brilhava nas mesas dos magnates de Roma, e chegara à Citânia, a trabalhosa e variadíssima ornamentação das vasilhas, quase todas de barro grosseiro<sup>2</sup>, parece não deixar dúvida de que neste particular se atingira o *nec plus ultra* do luxo, e que, se não entraram em Sabroso as belas olarias que vemos nas casas dos seus vizinhos, foi simplesmente porque tais mercadorias nunca foram acessíveis aos que podiam pagá-las.

A mesma observação se pode fazer a respeito da telha. Sabroso conhecia a utilidade, ou melhor o aformoseamento, duma coisa que noutras partes tinha o nome de telha e era feita de barro; mas, em vez desta coisa, empregava lâminas de xisto, trabalhadas no bordo que havia de ficar aparente. Ora é também difícil de crer que o dono duma casa de portas cuidadosamente esculpturadas não tivesse

---

<sup>2</sup> A única excepção notável é um fragmento de louça preta e polida. Louça igual tem aparecido, como se sabe, em estações pré-romanas de grande antiguidade.

com que comprar uma dúzia de telhas, que na Citânia se encontram em quase todas as casas (só nas beiradas, atentas razões, que é deslocado expor aqui).

Assim a explicação, fundada na pobreza de Sabroso, é má e nada explica; mas, faltando esta, não fica para a substituir, nenhuma, nem má, nem boa, a não ser a mais simples — que a influência romana se não fez sentir em Sabroso, porque Sabroso acabou antes de ela poder lá entrar.

Creio bem que esta opinião levantaria dúvidas e objecções aos montes, — sem outro fundamento senão o preconceito de considerarmos os povos hispânicos, mormente os do noroeste, mais bárbaros e selvagens do que os consideravam os mesmos antigos<sup>3</sup>; e devo acrescentar, para aviso dos que quisessem remar contra a maré da opinião geral, que em Sabroso temos moeda romana, uma calçada, algumas pequenas praças ladrilhadas, três representantes, segundo alguns, da influência romana, pois que já li, com relação às nossas antiguidades, que as calçadas eram romanas.

As casas de pedra também o seriam por aquele texto de Vitrúvio, segundo o qual a Lusitânia e a Hispânia apenas teriam no tempo do célebre arquitecto choças de madeira e barro.

Pondo agora de lado a moeda, inquestionavelmente romana, não será despropositado examinar o valor das outras objecções. Vitruvius não diz em parte alguma que os hispanos desconhecêssem a arte de construir casas de pedra.

Para demonstrar que as casas dos povos primitivos eram de madeira e barro, aduz o exemplo de ainda no seu tempo se edificarem casas assim, na Espanha e noutras partes<sup>4</sup>. Isto nem é afirmar, nem negar que os espanhóis ignorassem a arte de construir casas de pedra.

---

<sup>3</sup> "... Vaccæi et Cailaici, nobiles gentes" (Estrab., III, III, 3). Sílio Itálico chama ao mais que magnífico escudo de Aníbal "Callaicae teliuris opus" (II), importando pouco ao nosso caso que a obra não passe duma fantasia do poeta, ou do poeta que ele plagiou. Não seria difícil coligir mais testemunhos.

<sup>4</sup> "Haec autem ex iis, quae supra scriptae sunt, originibus instituta esse, possumus sic animadvertere, quod ad hunc diem nationibus exteris, ex his rebus aedificia constituuntur, ut in Gallia, Hispania, Lusitania (Vitr., II, I).

Vê-se que Vitruvius nem nisso pensava, e, a inferir alguma coisa do seu texto é precisamente o contrário: — casas que não sejam de pedra são aqui mencionadas como raridade, onde quer que apareçam. Escusamos porém de recorrer a inferências, pois que temos textos positivos. Na rancorosa demolição de Iliturgis os soldados romanos incendiavam casas, e “arrasam aquelas que o fogo não pode aniquilar”<sup>5</sup>. Claro é que, se todas as casas de Iliturgis fossem de madeira e barro, as chamas poupariam à soldadesca romana o trabalho de qualquer outra operação. Por um acaso de agradecer, é o mesmo Vitruvius que o assevera, chamando a casas de idênticos materiais *ad incendia uti faces*<sup>6</sup>. Mas o que prevaleceria contra todos os textos (ainda que os houvesse) seriam as próprias casas, tais como as vemos na Citânia, Sabroso e noutras partes, onde disposições, forma, aparelho, tudo é inteiramente dissemelhante das casas romanas. Estranhos discípulos e imitadores seriam os espanhóis, se pediam lições aos romanos, não só para lhas não seguirem, mas para engenharem uma arquitectura que é o delas!

As calçadas e praças ladrilhadas, duas aplicações dum mesmo invento, também não são de origem romana, e nem sequer é romana a iniciativa deste melhoramento na Península Ibérica. A compreendermos Avieno, “*Ora marítima*”, como o sr. Karl Müllenhoff<sup>7</sup>, ainda os romanos não ouviam falar da Espanha, e já ela tinha estradas suas, uma da baía do Tejo à foz do Ana, outra daí a Malaca. Não há certeza que estas estradas fossem calçadas; era-o porém sem dúvida uma terceira, expressamente mencionada por Políbio, que os romanos aproveitaram como a acharam, limitando-se a demarcá-la com padrões<sup>8</sup>.

É de crer que tais obras não fossem só feitas por mãos espanholas. Segundo a legenda, conservada por Diodoro Sículo, a estrada do litoral do sul seria construída por Hércules, quer dizer, pelos

<sup>5</sup> “Ignem deinde tectis injiciunt, ac diruunt quae incendio absumi nequeunt” (Liv., XXVIII, 20).

<sup>6</sup> Vitr., II, 8.

<sup>7</sup> Deutsche Altertumskunde, I, 102.

<sup>8</sup> Polyb., III, 39

Tinos, e Isidoro afirma positivamente que as calçadas eram invenção fenícia; mas o que importa ao nosso -caso é saber que não eram romanas. Sendo fenícias, aqui temos muitos séculos antes da invasão romana (desde o século XII antes da nossa era, segundo Movers), um povo que podia ensinar aos espanhóis a arte de construir as calçadas e praças ladrilhadas, — luxo que não é em verdade excessivo, pelo menos no interior e saídas das cidades muradas, que os habitantes caprichavam provavelmente em aformosear, como aformoseavam as casas.

Assim a única coisa, legitimamente romana, que nos dá Sabroso é uma moeda, uma moeda dos antigos tempos da República<sup>9</sup>. Esta moeda e outras mais<sup>10</sup> podiam ali vir parar por diferentes maneiras, antes que os romanos pusessem o pé no Entre-Douro-e-Minho, e muito melhor durante o tempo da expedição de Bruto; e o

---

<sup>9</sup> Acerca da decifração desta moeda, e à vista dum decalque dela, escreve-me o sr. Teixeira de Aragão: "... pareceu-me ver numa face a cabeça alada de Pallas à direita, atrás X (denário) e no reverso Diana antiga galopando à direita. No exergo, Roma. Sendo assim, é uma das moedas de República romana chamadas incertas por não terem o nome de família, e das mais antigas, talvez 200 anos antes da era cristã".

Pode comparar-se o n.º 6, planche 1<sup>ère</sup>, do *Nouveau Manuel complet de Numismatique ancienne (Encyclopédie Roret)*. A diferença entre a moeda aqui estampada e a de Sabroso é no reverso, onde os Dioscures são substituídos por uma figura montada num carro, cuja roda é muito visível no original, e decerto o não foi na cópia ou decalque.

<sup>10</sup> Um dos pedreiros que mais implacavelmente tem trabalhado na destruição de Sabroso, onde a pedra é de excelente qualidade, disse-me ter achado umas cinco ou seis moedas na fenda dum lanço de muralha que demoliu, mas tão podres que se desfizeram mal lhe tocou. Falando de duas outras encontradas por um companheiro seu, acrescentou que nem dinheiro lhe parecia, mas umas chapas toscas e mal quadradas. O proprietário destas últimas declarou-me que ainda conserva uma, mas, por mais que procurou não deu com ela. O que eu posso asseverar é que depois de ter feito um desaterro enorme, só encontrei a que fica mencionada a três palmos abaixo do solo, e no pavimento de uma casa circular.

que de modo algum pode sustentar-se é que o dinheiro romano, achado numa localidade galega, implique, sem outras provas, a romanização dos povos desta região, que só foram realmente submetidos no tempo de Augusto<sup>11</sup>. E, no nosso entender, a presença de moedas em Sabroso, nas condições em que vemos esta estação, em vez de afirmar uma influência romana, nega-a; em vez de auxiliar, perde a causa dos que pretendem afirmá-la com este único fundamento. Pois, se em Sabroso penetrou a influência romana a ponto de correr por ali dinheiro romano, como é que faltam nesta povoação produtos de indústria romana, que tão frequentes são na povoação sua próxima vizinha?

Depois desta longa excursão, achamo-nos no mesmo ponto, e no mesmo, ou maior embaraço.

Nem as casas de pedra, nem as calçadas, nem as praças ladrilhadas, demonstram uma influência romana em Sabroso. É quase certo que não lhe devem nada. Na Citânia há vestígios muito claros daquela influência. Sabroso, se fosse uma povoação contemporânea daquela, devia tê-los também. Mas não tem; e a antiga moeda romana, a par da ausência completa de artefactos romanos, parece estar dizendo que tal moeda chegou a Sabroso num tempo em que faltava a segurança à especulação dos industriais romanos, e não imperavam as exigências de luxo, relativamente moderno, que mais tarde os atraíu à Citânia.

E, se continuarmos a comparar os achados das duas estações, abre-se-nos um campo novo, que nos obriga, não a avançar para a alta civilização dos romanos, mas às avessas a recuar na direcção oposta, para épocas anteriores.

A Citânia, por exemplo, bem que mais largamente explorada, não forneceu até hoje objecto algum da chamada idade da pedra. Em Sabroso tais objectos aparecem; e este achado parece-nos tanto mais importante que alguns *celtes*, apresentando o gume lascado por um golpe violento, e a bem dizer imprevisto, suposto a substância deles

---

<sup>11</sup> Hübner, Not. Arch. de Portugal, Ap. c.

mostre não haverem sido destinados para atacar corpos duros<sup>12</sup>, são muito provavelmente armas de guerra.

Não é menos digno de nota que a matéria de que são feitos, rochas, ou fragmentos de rochas que se encontram na localidade<sup>13</sup>, mostrar que a arte de fabricar tais armas esteve em uso ali mesmo<sup>14</sup>.

Queremos dizer com isto que Sabroso, em vista dos seus machados polidos, pode remontar ao período neolítico?

E de crer que abraçássemos essa ideia, ainda que só fosse para a rejeitar com consciência, depois do exame minucioso a que a nossa pouca competência nos permite descer. Mas o exame mais profícuo, o do jazigo de tais objectos, não deu a mínima indicação. Uma faca de sílex encontra-se no pavimento duma casa circular, e a pouca altura do solo; um machado de xisto à beira do alicerce exterior da muralha, outro dentro dos muros, a grande profundidade; às vezes, à profundidade de três metros, mas envoltas com pedaços de ferro oxidado, jóias de bronze, fragmentos cerâmicos, lisos, ou diversamente ornamentados, de sorte que, admitindo, por hipótese, que Sabroso visse passar os três períodos, da pedra, bronze e ferro, estes três períodos estavam de tal sorte baralhados, que era absolutamente impossível destrinchá-los: nenhuma camada, a que pudesse dar-se o nome de cronológica. Como porém no inventário destes achados falta a arma de bronze, que caracteriza especialmente a primeira época deste período, e abundam as fíbulas que marcam a

---

<sup>12</sup> Todos de xisto e polidos, seis; um de granito. Mas vide nota 2, infra. Os fragmentos de sílex, cinco.

<sup>13</sup> A única excepção dá-se com um *celt* pequeníssimo de quartzo dendrítico.

<sup>14</sup> É aqui lugar próprio para mencionar outra espécie de achados que pode bem ser que se relacione com estes. A grandes profundidades encontram-se frequentemente pedras de granito, de um até três palmos de comprimento, quase todas côncavas por um lado em consequência dum aturado movimento de desgaste, e por isso completamente polidas. Raríssimas vezes se acham a pouca altura, e dir-se-ia que foram abandonadas em épocas antigas, como se uma qualquer inovação as tornasse inúteis. Aparecem isoladas, ora em grupos de quatro e cinco. As de maiores dimensões fazem lembrar a peça inferior dos moinhos descritos por Evans (*Les âges de la pierre*, fig. 170), mas a peça superior nunca aparece em Sabroso, e além disso algumas destas pedras têm uma ligeira convexidade, parecendo, que tanto as convexas, como as côncavas, eram destinadas a um e o mesmo uso, como o de polidores fixos. Não será supérfluo acrescentar que são vulgares na Citânia e em Sabroso os moinhos de mão circulares.

sua transição para a primeira época do ferro<sup>15</sup>, a indução mais segura<sup>16</sup> a tirar era que em Sabroso, como noutras estações, se dava o emprego contemporâneo da arma de pedra e de ferro, aquela única acessível a certos combatentes pobres.

Neste caso, as pretensões antiquárias de Sabroso não podiam ultrapassar, o máximo, a primeira época do ferro. Mas pouco nos aproveita isto; porque, como esta época se estende pelos tempos históricos dentro, e com ela o emprego simultâneo da arma de pedra e de ferro, as suas indicações cronológicas tornam-se tão vagas e nevoentas que é, pouco mais ou menos, como se as não houvesse.

Nesta questão abstrusa, como o são todas as que pretendem fixar cronologias por induções, o único recurso que tínhamos seria procurar qualquer esclarecimento sobre o tempo, em que no noroeste da Espanha acabou o uso da arma de pedra. Ora estes desejos que parecem ambiciosos demais, encontram casualmente em Suetónio uma notícia que, se os não satisfaz plenamente, os não deixa malogrados de todo. Conta este biógrafo que um dos prodígios que acompanharam a entronização de Galba foi o aparecimento de doze machados num lago dos Cantabros. Evans<sup>17</sup> explora este texto, para ajuizar do estado das ideias dos romanos acerca das famosas “pedras de raio”; mas o que nos parece que ele demonstra em primeiro lugar é o estado das ideias dos próprios Cantabros. Com efeito, a não cremos que os romanos enxameavam toda a Cantábria, mesmo as bordas dos lagos — o que seria mais que insólito — força e admitir que foram os Cantabros da localidade fulminada que se espantaram do achado,

---

<sup>15</sup> Chantre, *L'âge du bronze*, passim; Mortillet, *Le signe de la croix avant le christianisme*, nota c.

<sup>16</sup> Não absoluta. O termómetro cronológico, indicado por esses dados só pode ser falível em determinados casos, por exemplo, em estações, onde a sucessão de civilizações de diferentes períodos tem grandes soluções de continuidade. O homem, porém, que numa mesma estação visse passar ininterrompidamente os três períodos, embora por fim adoptasse exclusivamente a arma de ferro, decerto não atirava fora as armas de bronze que eram a matéria-prima das jóias das épocas subsequentes, e que, por troca, ou venda, deviam ir cair nas mãos dos mercadores ambulantes, cuja existência se evidencia pela descoberta de falsos fundidores (Chantre, ob. cit., II, pág. 89).

<sup>17</sup> *Les âges de la pierre*, pág. 66.

vulgarizando-o com nota de prodígio, sendo em seguida interpretado a seu sabor pelos crendeiros romanos, ou pelos bajuladores de Galba — o que com certeza não sucederia, nem em relação aos romanos, nem em relação aos Cantabros, se a arma de pedra ainda então estivesse em uso naquela região, ou mesmo lembrasse<sup>18</sup>.

De sorte que, no terceiro quartel do primeiro século da nossa era, os machados de pedra eram com toda a probabilidade já para os Cantabros verdadeiras “pedras de raios, e com mais razão o deviam ser para os seus contemporâneos da Citânia, dando uma explicação tal qual da sua falta nesta estação, e recuando Sabroso para tempos quase legendários, sem todavia nos precisarem um dado cronológico, como nós o desejávamos.

Os objectos de bronze menos esclarecem. Já dissemos não se encontrar em Sabroso a arma de bronze que podia encadear este período ao período anterior. Esta falta pode mesmo fornecer um argumento negativo para colocar Sabroso fora da “bela idade de bronze”.

Um pequeno objecto deste metal, que quem quer chamaria um *celt*, atento o seu feitio, mas que pela sua pequenez e leveza deve ser considerado como uma jóia<sup>19</sup>, poderia aludir às armas de bronze e a uma arte que as conhecia ainda, e sabia imitar-lhes a forma. Porém, qualquer construção sobre tais bases seria mais que frágil. O que é um pouco mais significativo, comparando a Citânia e Sabroso, é que nesta última estação os objectos de bronze aparecem em muito maior quantidade, e que a fíbula mais vulgar em Sabroso, a de mola em espiral, *nunca* se encontra na Citânia, bem que a fíbula circular, a mais vulgar na Citânia, também apareça em Sabroso, mas raramente. Aqui os objectos de bronze, além de mais abundantes, são mais variados.

Dir-se-ia que a fíbula circular, por onde as duas estações se tocam, anuncia uma certa decadência daquela indústria, que Sabroso viu prosperar nos seus antigos tempos. Como com as armas de pedra,

---

<sup>18</sup> De resto, o machado, decerto o de metal, parece ter sido a arma favorita dos Cantabros. Comp. Sílio itálico, XVI.

<sup>19</sup> Debalde temos procurado nas colecções ao nosso alcance um objecto que se assemelhe a este.

entrevê-se que a Citânia não pode pleitear competências de antiguidade com a sua vizinha; mas para determinar uma, mesmo aproximativa, de tanto préstimo nos são os objectos de pedra, como os de metal.

Não deveria suceder o mesmo com os produtos cerâmicos. É frequente ouvir dizer aos competentes que a cerâmica dum povo substitui os monumentos escritos; que a ornamentação da cerâmica da idade de pedra se não confunde com a do bronze, nem a deste com a do ferro etc.

Isto pode ser verdade para a classificação dos grandes períodos<sup>20</sup>. Quando a ornamentação das vasilhas é a cópia, mais ou menos grosseira, dos desenhos das armas e jóias de bronze, como a cópia não pode existir antes do original, nem é crível que a civilização do período de bronze fosse pedir modelos à civilização do período anterior, parece axiomático que a cerâmica com ornatos idênticos aos objectos de bronze pertence a tempos posteriores à origem e introdução daquela indústria.

Temos assim bem marcado um ponto de partida; mas o resto?

Estudemos o problema com aplicação aos factos que nos ocupam. Na Citânia a ornamentação arcaica já é rara, em relação a Sabroso. Quase podia afirmar-se que a importação da louça vermelha e envernizada suplantou, e pôs aqui em desuso, a indústria do oleiro indígena que burilava pacientemente os seus artefactos e os vendia como o *supra summum* da moda. Em Sabroso esta indústria está em plena florescência. A variedade dos motivos ornamentais sobe a muito mais de trinta sendo o mais favorito o triângulo, ou a pirâmide, combinada de vários modos, e, bem que menos frequentemente, o círculo singelo, ou dobrado, às vezes agrupado com ela. Ora, segundo os entendidos<sup>21</sup>, a ornamentação circular e triangular é não só característica da idade de bronze, mas até simbólica. Na Citânia,

---

<sup>20</sup> E às vezes nem isso. A pasta, ornamentação, processos cerâmicos, podem confundir-se em todas as épocas, porque em todas elas há oleiros rudes. Isto também é corrente.

<sup>21</sup> Chantre, Mortillet, etc.

porém, onde a ornamentação circular é ainda usada, vê-se que ela se manteve até tempos históricos muito avançados e que ainda continuaria depois, se não como cópia servil, ao menos como ornato rotineiro, se a influência romana e a sua indústria a não viesse acantonar. Assim, aqui, a cerâmica e a sua ornamentação característica dá-nos uma cronologia que pode oscilar desde a introdução do bronze até à época da moeda; por si só nada nos diz de preciso, nem coisa que o pareça; o ponto de partida é obscuro, 'o da chegada não o é menos, e, se a luz vem de algures, é dum facto completamente estranho — a introdução da indústria romana.

Ficamos, pois, sem bússola.

Mas, agora, as duas ornamentações características, a triangular e a circular, são contemporâneas? Não distinguem épocas diferentes?

As armas e jóias de bronze exibem os dois modelos, desde a sua aparição; em estações, tidas sem hesitação como pertencentes à idade de bronze pura, as duas espécies coexistem; parece não haver razão alguma para separar o que tão unido se encontra sempre, e o facto dá tão pouco azo à dúvida que não sei de ninguém que o formulasse no intuito de procurar nele um subsídio cronológico. Não obstante, quem pressentisse uma anterioridade na ornamentação triangular, não só dentro do período do bronze<sup>22</sup> (1), mas mesmo com respeito ao período anterior, o da pedra, talvez se não achasse tão só, como pode parecer à primeira vista. Birch, por exemplo, sem fundamentar, é verdade, a sua opinião, o que é para lamentar, parece fazer da amamentação triangular uma espécie à parte, considerando-a, como peculiar dos celtas<sup>23</sup> (2). Pouco nos adianta isto, mas Bateman, o experimentado antiquário, dá-nos a gravura dum copo

---

<sup>22</sup> A perfeição dos círculos concêntricos, impressos nas vasilhas de barro, faz crer que para os estampar se empregava um objecto de metal, provavelmente a cabeça de um alfinete (Chantre, ob. cit., pág. 236). O alfinete, segundo os mestres, é tão antigo, como a arma de bronze. Como, porém, era natural que o necessário se vulgarizasse e fosse procurado primeiro que o supérfluo, a arma primeiro que a jóia, pode inferir-se com certa plausibilidade que mesmo dentro do período de bronze a ornamentação dos círculos singelos, ou dobrados, viria -em segundo lugar.

<sup>23</sup> Birch, *Ancient Pottery*, pág. 590.

com ornamentação triangular, afirmando poder garanti-la como usual na idade da pedra<sup>24</sup>.

Não estamos a soltar palavras ao vento, suscitando esta questão. É que nos embaraçou deveras ver que em Sabroso, onde a ornamentação circular se encontra, é certo, mas menos frequentemente, a favorita é a triangular, enquanto que na Citânia esta ornamentação apenas se encontra *uma só vez*.

Não é porém para as pretensões que pudesse ter Sabroso a prender a sua história no período da pedra polida, ou mesmo nó do bronze, que eu quero principalmente chamar a atenção. Muito embora a ornamentação triangular fosse anterior a introdução dos metais, é facto indubitável que ela persistiu na época do bronze, e mesmo na do ferro, pois que a vemos largamente empregada, ao lado da circular, até muito tarde, tanto em objectos de bronze, como em objectos de barro. Em Sabroso ambas elas estão em uso; mas como é agora que numa povoação, que dista de Sabroso um quilómetro, a ornamentação triangular, parece propositadamente proscribita?

Admitida a contemporaneidade de ambas, o facto é mais que estranho. Explicá-lo por um capricho de moda? Impossível; e, se assim fosse, as relíquias duma moda abandonada deviam deixar maiores vestígios, pois está dito, e é certo, que o barro dura tanto ou mais que o metal.

Seja como for, esta diferença, à primeira vista insignificante, é a meu ver uma das mais curiosas e mais dignas de atenção.

Há todavia outra mais extraordinária. Na Citânia a estatuária é representada por uma deusa qualquer, e por um baixo-relevo com dois vultos humanos; o animal falta. Em Sabroso falta a figura humana, e aparece duas vezes o porco. As estátuas brutescas são vulgares na

---

<sup>24</sup> Bateman, *Ten Years diggings*, págs. 285-6. Comp. Nilsson, *Les habitants primitifs de la Scandinavie, L'âge de la pierre*, fig. 209; Carlos Ribeiro, *Estudos pré-históricos em Portugal, Notícia da Estação humana em Licêa*, pág. 45, figs. 7 e 8, não obstante as dúvidas do nosso sábio compatriota. Não seria impossível multiplicar testemunhos, mas, como é fácil imaginar, todos mais ou menos ambíguos.

Espanha, principalmente para o norte<sup>25</sup>, mas quase todas as que restam estão tão gastas do tempo, que é muito difícil classificar o indivíduo que o escultor teve tenção de reproduzir<sup>26</sup>. Uma das mais célebres desta galeria, o *ídolo de Miqueldi*, é para uns um touro, para outros um elefante. Pelo esboço que dela nos dá Florez<sup>27</sup> (3), o bruto pode ser o que se quiser, pode ser mesmo um próximo parente do porco ou javali de Sabroso<sup>28</sup>.

Que todas estas figuras fossem ornamentais é o que certamente ninguém se atreverá a jurar. O mais crível é que tivessem direito à denominação, que talvez uma tradição ininterrupta conservou à de Durango — um ídolo. Neste pressuposto, entre a Citânia e Sabroso tínhamos de admitir um profundo contraste, tal qual pode haver um povo que representa os seus deuses sob a forma animalesca, e outro cujas ideias religiosas exigem neles a representação antropomórfica<sup>29</sup>.

Foi ainda a influência romana que operou esta revolução? Outra razão para a negar em Sabroso.

---

<sup>25</sup> Vid. Bermudez, *Sumario de las antiguedades romanas, etc.*, págs. 83, 170, 186, 397, 419.

<sup>26</sup> Em algumas, poucas, parece não haver hesitação: são porcos, em Segóvia, javalis em Ávila de los Cabaleros. Não será disparatado lembrar aqui o porco do pelourinho de Bragança (*O Occidente*, pág. 100), que pode ser bem mais antigo do que se pensa. Na Irlanda, onde, segundo as velhas tradições, chegaram povos do sul, e nomeadamente de Espanha (Diefenbach, *Celtica*, II, pág. 393), e provavelmente também às vessas, havia razões, mais ou menos fundadas, para atribuir aos seus antigos habitantes um “porcine cultus” (Joyce, *Irish names of places*, pág. 469).

<sup>27</sup> *La Cantabria*, pág. 125.

<sup>28</sup> As estátuas do Sabroso não estão completas. Duma resta apenas o focinho; da outra, muito mais grosseira, escapou toda a cabeça, que tem na parte posterior uma saliência quadrada, mostrando evidentemente ter encaixado num corpo. Do corpo nunca ninguém deu notícias. Sabe dele decerto a cunha do montante que destruiu alguns monumentos megalíticos, que parece ter havido dentro do recinto dos muros. A cabeça foi encontrada à superfície do solo, e no lado do poente; segundo Bermudez, os “tóros” ou “elefantes” de Guizando estavam “mirando à poniente”. A calcular pelas dimensões da cabeça, a estátua de Sabroso devia regular por seis ou sete palmos de comprido.

<sup>29</sup> Não pode passar aqui despercebida a passagem de Estrabão: e Quidam Callaicos. Perhibent nihil de diis sentire” (III, IV. 16), o que não significa, a nosso ver, que alguns galegos eram ateus, mas que entre as populações da Galiza havia notáveis diferenças de culto, e algumas de tal ordem que mal mereciam o nome de culto.

\*

De tudo o que fica dito resulta, cremos nós, a impossibilidade de aceitar a contemporaneidade da Citânia e de Sabroso, muito menos remontando-a às suas origens. Fundadas num mesmo tempo, a identidade das suas relíquias extremando o que é romano, devia ser absoluta. Vemos que não é.

Da comparação destas relíquias salta aos olhos, não uma simultaneidade, mas uma sucessão, exactamente como se um mesmo povo<sup>30</sup>, depois de habitar longo tempo Sabroso, o abandonasse por qualquer motivo, e fosse continuar a sua existência na Citânia. Nos pontos de semelhança, pelos quais tentámos mostrar que as duas estações se tocam, dir-se-ia reconhecer-se metade do elo, por onde partiu a cadeia de uma mesma história, que deixou em Sabroso as suas páginas mais arcaicas, impressas numa originalidade sem mescla, originalidade que continua por algum tempo na Citânia, até que é bruscamente surpreendida e alterada pela intrusão do elemento romano.

A mesma proximidade das duas povoações fornece um argumento contra a sua contemporaneidade. E não é só isto; as reflexões que suscita esta proximidade obrigam a surdir do caos das hipóteses alguma coisa de tão plausível que chega a tomar a consistência dum facto positivo — que significam duas fortalezas à distância de um quilómetro? — principalmente que significa Sabroso, com a sua muralha singela embora sólida, e o seu pequeno recinto, a par da Citânia, cuja área enorme podia recolher toda a população daquelas redondezas, oferecendo-lhe um abrigo mil vezes mais seguro

---

<sup>30</sup> A perfeita identidade de Citânia e Sabroso, a que já aludimos no princípio deste trabalho, consiste na forma e aparelho das casas, ornamentação das pedras, sinais nas lajes. Escusamos de prosseguir. Isto basta para atestar a identidade da população em ambas as estações. Dos sinais gravados em lajes já falámos neste jornal. Acrescentaremos agora que os arqueólogos cada vez lhe prestam mais atenção. Comp. principalmente *Matériaux pour l'hist. prim. et nat. de l'homme*, 14<sup>e</sup> année, livraison 6, 9, 10.

dentro das sólidas e complicadas linhas das suas muralhas?

Há aqui um luxo de fortificações que chega a ser desperdício; mas este desperdício começa à tornar-se muito suspeito, logo que se atenta em que para

-além de Sabroso e da Citânia, e também a pouco mais de um quilómetro desta, se nos depara uma terceira fortaleza das dimensões de Sabroso, e que, como as outras duas, olha igualmente para o vale do Ave<sup>31</sup>.

Assim na curta linha de dois a três quilómetros havia nada menos que três *duns*<sup>32</sup>; é, se agora quiséssemos supor que cada um deles tomava por sua conta o abrigo e defesa das populações que lhes ficavam ao pé, e por isso dividíssemos aquela parte do vale em três secções, à secção do centro, correspondente à Citânia, tocava uma área de população, que salva a exageração, podia dizer-se que cabia na última ordem das suas muralhas. Não pode ser. Antes é mais que evidente que a gigantesca construção da Citânia exigiu os esforços reunidos de todos os povos do vale do Ave, que lhe ficavam à vista, e nomeadamente os povos que já possuíam as fortalezas de Sabroso e de Santa Iria<sup>33</sup>.

Os povos, pois, de Sabroso e Santa Iria não se pouparam a sacrifícios e despesas, para construírem uma fortaleza, infinitamente mais segura, do que a que já tinham — o que equivale a dizer que, por qualquer motivo, haviam reconhecido a insuficiência e pouca segurança destas últimas.

Entrevê-se aqui um facto que não pode razoavelmente traduzir-se senão pela necessidade de precauções contra o grande

---

<sup>31</sup> Carvalho, que fala muito passageiramente da Citânia, e parece ter ignorado a existência de Sabroso, dá a estas ruínas o nome de “outeiro de Brandião” (*Chorographia*, I, pág. 143). Este nome caiu no esquecimento. Os vizinhos denominam hoje o outeiro “monte de Santa Iria” por ali ter havido desta santa uma capela, da qual mal restam vestígios.

<sup>32</sup> Uma freguesia que toca em Santa Iria e na Citânia tem o nome de Donim (Dunim). Esconde-se aqui a velha palavra *dun*, que encontramos em Cala-dunum, etc.?

<sup>33</sup> Parece-nos provada a anterioridade de Sabroso relativamente à Citânia. A anterioridade de Santa Iria damos-la, como hipótese. Estas ruínas esperam por uma exploração, que dirá até que ponto a nossa hipótese é aceitável.

perigo iminente, ou, melhor ainda, contra a repetição dum grande desastre, que pôs em relevo a fraqueza do antigo sistema de fortificações, e o erro de dispersar por fortes de pequena capacidade os combatentes, que se viu ser indispensável concentrar e multiplicar na defesa de linhas triplicadamente mais valentes.

É a ameaça ou a aparição dum inimigo no Entre-Douro-e-Minho que operou esta transformação? Parece-o.

Ora depois da invasão céltica, que deixou na Espanha um eco prolongado<sup>34</sup>, e um eco mais ou menos surdo no Entre-Douro-e-Minho<sup>35</sup> a história não conserva memória de nenhuma outra invasão, que chegasse a esta última região<sup>36</sup>, a não ser a romana.

No problema que nos ocupa não se trata da invasão céltica; trata-se, pelo contrário, da defesa -de populações mais ou menos célticas<sup>37</sup> contra um inimigo anónimo. Este inimigo é então o romano?

A expedição de Bruto ao Entre-Douro-e-Minho vem oferecer-se aqui naturalmente como a chave do enigma.

A guerra feita por Bruto aos galegos é uma verdadeira *razzia*. Nenhum dos antigos historiadores atribui ao cônsul planos de conquista, que bem sabem não poder ser mantida nestas afastadas regiões, principalmente estando, como estava, no seu auge o ódio dos espanhóis do centro contra Roma<sup>38</sup>, e em -idênticas disposições a Lusitânia, que apesar das suas rudes lições ainda se conservava independente no tempo de César<sup>39</sup>. O fim de Bruto, diz Orósio, foi castigar os galegos por haverem auxiliado os Lusitanos. Por isso o romano contenta-se com atacar e saquear as cidades galegas, enriquecendo a soldadesca<sup>40</sup>.

---

<sup>34</sup> Diod. Sic., V, 33.

<sup>35</sup> Estrab., III, III, 5.

<sup>36</sup> A invasão cartaginesa apenas atingiu os Vacceus. Polib., III, 14.

<sup>37</sup> Parece-nos solidamente assente que o fundo da população que habitou a Citânia era céltico. O nome de Camal que se encontra aqui amiúde, o mesmo nome ligado ao deus céltico Bormânico, em Vizela, e a identidade incontestável deste deus com o Borvo, ou Bormon gaulês, figuram-se-nos provas mais que bastantes em favor da nossa opinião.

<sup>38</sup> O fim da guerra numantina é, como se sabe, posterior à expedição de Bruto.

<sup>39</sup> Dion Cas., XXXVII, 52-55.

<sup>40</sup> Appianus, VI, 71.

A profunda impressão, que devia causar no Entre-Douro-e-Minho esta torrente devastadora e inelutável, pode ainda avaliar-se pela qualidade das notícias que nos deixaram os cronistas.

Foi sobretudo uma surpresa<sup>41</sup>. A resistência desesperada, mas tumultuária, em que homens e mulheres combatiam à mistura, só serviu para aumentar a carnificina. O número de galegos mortos subiria a 60.000<sup>42</sup>, conta enormemente exagerada, mas que prova a enormidade do desastre. Para se furtarem à escravidão, e evitarem a dos filhos, as mulheres cativas degolavam-nos, e suicidavam-se em seguida<sup>43</sup>. Os principais autores desta tragédia são os brácaros<sup>44</sup>, devendo entender-se decerto por esta denominação os povos de entre o Ave e Cávado.

Para os legionários romanos a escalada de fortes, como Sabroso e Santa Iria, devia ser quase um brinquedo, e oferecer a mesma facilidade que a Talábrica Lusitana, que eles tinham tomado e retomado sem custo, como o prova a cómica generosidade de Bruto que a restitui aos seus moradores, por saber que a não pode conservar para si — generosidade que certamente se converteria em vingança inexorável, se o assédio repetido desta praça tivesse feito correr muito sangue aos seus soldados.

Se estas conjecturas não andassem longe da verdade, podíamos então pôr os pontos nos *ii*.

É a invasão romana, comandada por Bruto, e a amarga experiência desta guerra fatal que demonstra à evidência a insuficiência e quase inutilidade dos fortes de Santa Iria e Sabroso em face de um inimigo como o romano, e é a precaução contra uma segunda invasão que obriga estas populações como que a reunir os *duns* dispersos, numa fortaleza única, cuja força de resistência foi calculada pelo gigantesco do ataque do novo agressor como a dos velhos fortes o havia sido pela dos inimigos habituais, que decerto se limitavam a correrias subitâneas, e dispunham de muito menores

<sup>41</sup> "Brutus... quamvis incautos (callaicos) circumvenisset, oppressit." Paul. Oros., v. 5.

<sup>42</sup> "Brutus ... quamvis incautos (callaicos) circumvenisset, oppressit." Paul. Oros., V. 5

<sup>43</sup> App., log. cit.

<sup>44</sup> App., log. cit.

recursos estratégicos.

Em tal caso a origem da Citânia e o abandono de Sabroso tinham uma data quase certa — os fins do segundo século antes da nossa era. A Citânia seria relativamente moderna<sup>45</sup>, visto que a sua construção começara depois do ano de 138; enquanto que Sabroso, que a Citânia fez abandonar, logo que se tornou habitável<sup>46</sup>, seria um velhíssimo *dun*, cuja história devia ser procurada do ano de 138 para trás.

Esta hipótese (porque enfim não podemos dar-lhe outro nome) harmonizava muito satisfatoriamente as analogias e diferenças., das duas estações, e daria ainda a razão de faltar em Sabroso a figura humana que se encontra na Citânia, e em cujo facto nos não

---

<sup>45</sup> Esta suposição seria ainda confirmada pelo aspecto das escavações da Citânia comparadas às de Sabroso. Na Citânia, abaixo do pavimento das casas é escusado cavar; os alicerces assentam na flor duma terra, que os trabalhadores chamam “terra de nação”. Em Sabroso os alicerces de algumas casas vão procurar o solo virgem através de dois a três metros duma terra requemada, calabreada de fragmentos de ossos, carvão, metais, cacos; e dentro mesmo das casas quem romper a camada de barro recalçado que lhes forma o pavimento, encontra por baixo um entulho com os mesmos detritos. Para empregar uma frase vulgar, mas expressiva, Sabroso cheira a velho; a escavação na Citânia tem uma certa frescura, que a distingue profundamente da outra.

<sup>46</sup> As muralhas de Sabroso foram alteadas numa certa época. O modo por que se procedeu a estes reparos é um pouco singular. A muralha primitiva era uma espécie de muro de suporte ao planalto, onde ficava a povoação. Suponhamos agora que esta muralha era de três metros, e que se lhe quis dar o dobro de altura, não acrescentando-a para cima, porque isso alteava o parapeito sem melhorar a defesa, mas acrescentando-a para baixo. O modo de fazer obra limpa era fazer uma substrução nos alicerces, trabalho um pouco facilitado pela disposição do terreno, visto os alicerces assentarem no talude da encosta. Mas, ou porque a engenharia do tempo desconhecesse este recurso, ou porque o achasse arriscado, preferiu-se cortar o terreno, no prumo da face da muralha antiga, começando a nova de baixo para cima, até sobrepor alguns palmos, os alicerces daquela. Uma secção das duas muralhas assim remendadas dá, pois, a metade inferior, a nova, em plano saliente; mas o ressalto no ponto da sobreposição pouco mais excede de um palmo, bem que os novos alicerces comesçassem com a largura de cinco ou mais, e a razão é porque a muralha nova foi construída em talude. Estas emendas são feitas em lanços de grande extensão, e rematam lateralmente em ângulos vivos, quando por qualquer motivo se entendeu escusado levá-los mais adiante. Nesta obra obedece-se sempre à ideia de reforçar a defesa de Sabroso contra o caso duma segunda investida, durante o tempo em que a Citânia se torna capaz de receber e abrigar os seus promotores?

resolvemos a ver a intervenção da influência romana. A população, que de Sabroso transmigrasse para a Citânia, a primeira coisa que levava consigo era a imagem dos seus deuses.

A única coisa que ficaria inexplicável nesta tentativa de reconstrução histórica seria o abandono das estátuas burlescas na estação que se trocava por outra. Mesmo, com figuras de mera ornamentação (não cremos que o fossem), tais estátuas deviam ter um valor, pois que, como obras de arte, a estátua da deusa e o baixo-relevo da Citânia não lhes deitam muito a barra adiante.

Mas, se elas têm uma relação tal qual com um culto<sup>47</sup>, o abandono em que são deixadas mais curiosidade desperta, e o enigma só poderia ser decifrado descendo ao exame das origens de Sabroso, — assunto tentador, mas em que nos abstemos de entrar agora, visto este trabalho se ir alongando excessivamente e ser mais que tempo de lhe pôr um fecho.

Não me dava por pouco satisfeito, se pudesse fazer aceitar os seguintes factos: — Sabroso é uma muito antiga estação, sem o

---

<sup>47</sup> Na Citânia encontra-se gravado numa pedra solta o mesmo sinal que o sr. Mortillet procurou e estudou por diferentes partes, e deu origem ao seu conhecido escrito *Le signe de la Croix, etc.* Segundo o douto arqueólogo, este sinal é incompatível com a representação “de objectos vivos” não devendo decerto esta tese ser tomada tão absolutamente, que abranja a representação dos deuses sob a forma humana. Se o sinal da Citânia é o mesmo que o sr. Mortillet estudou, e nisso parece-nos não haver a mínima dúvida, ficava demonstrado que a população céltica (pensamos estar demonstrada a celtidade da população da Citânia), que penetrou na Espanha, adoptou este emblema, e o trouxe até o último ocidente, dando razão à “primeira” opinião do sr. Henzen, o qual, pelo que vemos duma memória do sr. Conde de Gozzadini (*La Necropole de Villanova*, pág. 74), atribuía aos celtas as relíquias da estação de Villanova, onde o sinal da cruz é vulgar. Adoptando as ideias do sr. Mortillet, a falta da figura, brutesca na Citânia estava explicada. Como, porém, na nossa hipótese, a população da Citânia habitou primeiro em Sabroso, surdiam agora dificuldades, para cuja resolução mais urgente se tornava o conhecimento das origens desta velha estação, onde não é impossível que morasse um povo pré-céltico. A selecção que faz a população transnigrante entre a estátua humana que leva consigo, e a estátua do animal que despreza, e que provavelmente não desprezaria, sendo ela puramente ornamental, parece-nos muito digna de reflexão.

De resto temos de confessar com franqueza que a tese do sr. Mortillet, que tão favorável era ao nosso modo de considerar a etnologia dos povos que ocuparam Sabroso, não se nos impõe como uma verdade demonstrada.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

mínimo vestígio -de influência romana; é ali que podem estudar-se os retalhos da pura civilização galega, e aferir por eles o que há de pré-romano na Citânia, e noutras partes; pode ainda talvez marcar-se ali o limite aproximado do emprego da ornamentação triangular em cerâmica e o da fibula de mola de espiral, pelo menos no Entre-Douro-e-Minho.

Para terminar, diremos que mesmo concedendo que a Esfinge de Sabroso nos deixasse decifrar algum dos seus enigmas, é opinião nossa que os enigmas, mais importantes e curiosos estão à espera do seu verdadeiro  $\text{Ædippo}$ .

Guimarães, 1879.